

REFLEXÕES SOBRE OS CORPOS PUÍDOS EM UMA REVISTA HOMOERÓTICA BRASILEIRA

REFLECTIONS ABOUT THREADBARE BODIES IN A BRAZILIAN HOMOEROTIC JOURNAL

Fábio Ronaldo da Silva*
fabiocg@gmail.com

RESUMO: Pensar os gays velhos sempre provocou um silenciamento. Essa atitude é rompida quando aparecem, de forma sucinta, matérias e entrevistas sobre velhice e velhos em publicações voltadas para o público gay. A partir desta premissa, e levando em consideração as possíveis causas que geram esse estranhamento e/ou silêncio, este texto apresenta uma análise de matérias e artigos publicados na revista *Sui Generis* (publicação homoerótica que circulou no Brasil de 1995 a 2000) em que aparecem pessoas velhas ou que possuem a velhice como tema. Refletimos sobre o espaço em que é colocado esse público, questionando como tal ambiente é montado para entendermos como é feita a representação dos gays velhos pela mídia homoerótica brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: *Sui Generis*, Velhices, Homossexualidades.

ABSTRACT: Thinking about old gays has always been a cause for silence. This attitude is challenged when stories and interviews about old age and senior citizens appear in a matter-of-fact way in publications with a gay audience. Given this premise and taking into account the possible causes that generate this awkwardness and/or silence, the following text presents an analysis of materials and articles published in the magazine “*Sui Generis*,” (a Brazilian homoerotic publication that circulated from 1995 to 2000) in which themes include people that are old or senior citizens. In order to understand how old gays in Brazilian homoerotic media are represented, the space in which this public is placed is considered as well as how the environment is contrived.

KEYWORDS: *Sui Generis*, Old age, Homosexuality.

Uma ideia sui generis?

A mídia voltada para o público *gay* no Brasil vai às ruas timidamente em 1963, com o jornal *Snob*¹, e sai totalmente do armário em 1978, quando o *Lampião da Esquina*² começa a ser vendido em bancas de revistas de diversas cidades do país. Ambos os jornais tiveram uma existência relativamente curta, todavia, conseguiram deixar as portas abertas para que outras publicações com o mesmo *target* continuassem a dar visibilidade para tal público. Após o fim do *Lampião da Esquina* e até os primeiros anos da década de 1990, encontramos uma enorme lacuna de periódicos nacionais direcionadas para o público *gay*³. É possível identificar boletins produzidos por grupos de apoio a portadores de HIV/Aids e uma publicação voltada para

*Pós-doutorando em História pelo Universidade Federal de Campina Grande. Doutor em História pelo Universidade Federal de Pernambuco.

¹ Periódico publicado no período de 1963 a 1969. Editado pelo pernambucano Agildo Ribeiro, é considerado a primeira publicação voltada abertamente para o público homossexual no Brasil.

² Primeiro jornal homoerótico de circulação nacional no Brasil e que foi publicado no período de 1978 a 1981. Tinha como produtores os jornalistas Aguinaldo Silva, Adão Costa, Antônio Chysóstomo, o cineasta Jean-Claude Bernadet, o cineasta e escritor João Silvério Trevisan e o antropólogo Peter Fry, dentre outros.

³ Uma lista de periódicos produzidos no Brasil e voltados para o público *gay* pode ser encontrada no sítio <http://www-sul.stanford.edu/depts/hasrg/latinam/sergay.htm>

lésbicas, o *Chana com Chana*, produzida pelo Grupo de Ação Lésbico-Feminista (Galf). O jornal circulou de 1981 a 1987. O mercado editorial para o público *gay* masculino só passou a ser mais expressivo na década de 1990 com o surgimento da revista *Sui Generis* (1995).

A proposta da *Sui Generis* foi inspirada na experiência de êxito das revistas *Atitude* e *Out*, publicações inglesa e americana que inauguravam o modelo de revistas para o público *gay* e que apresentam em suas páginas gays e lésbicas bem-sucedidos. Essas revistas davam ênfase à beleza e à jovialidade que deveriam aparecer no corpo e no rosto. No retorno de uma viagem aos Estados Unidos, Nelson Feitosa e seu companheiro José Viterbo trouxeram várias revistas voltadas para o público *gay* e, inspirados nelas, apresentaram a ideia para amigos que se interessaram em ajudar na publicação da *Sui Generis*.

Em dezembro de 1994 era publicada pela SG Press, editora pertencente à Feitosa, o número zero da revista *Sui Generis*. A proposta inicial dos criadores era produzir uma revista artesanalmente, sem pretensões ambiciosas, mas algo que pudesse circular pelo Rio de Janeiro. Porém, a contragosto dos editores, a magazine acabou chegando em muitas bancas do país, sendo considerada o principal acontecimento da imprensa *gay* no Brasil pós *Lampião da Esquina*. O primeiro editorial deixava claro que era preciso romper o silêncio no tocante a publicações direcionadas para os gays. “A revista tem um objetivo simples: falar da cultura *gay* de maneira vibrante, inteligente, bem-humorada, para cima, [...] para que não ouçam a gente apenas por esse silêncio já tão fora de moda” (SUI GENERIS, 1994, 0 ed).

Indo de encontro às revistas publicadas naquele momento para tal público no Brasil, sempre com ênfase mais erótica do que jornalística, com nu masculino e contos eróticos, a *Sui Generis* foi no mercado junto com o conceito mercadológico GLS⁴ (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), o qual viria renovar toda a concepção por trás do marketing de produtos voltados para os *gays* no país. Possivelmente por causa da proposta editorial baseada em temas sobre cultura, comportamento, entretenimento, moda e militância, a revista tenha

⁴ Em 2008, na Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, a Associação Brasileira LGBT, ao observar que a sigla GLS era um termo excludente que omitia a existência de outras identidades de gênero e orientações sexuais e colocando o protagonismo nos gays, passou a utilizar a sigla LGBT com o L, de lésbica, como letra inicial, destacando a desigualdade de gênero e englobando outras identidades como bissexuais, travestis e transexuais. Atualmente, a organização política e identitária do movimento é representada pela sigla LGBTQIA+.

conseguido romper com a ideia de “gueto” de publicações restritas ao mercado erótico que sofria preconceito generalizado da sociedade (MONTEIRO, 2002).

Para Feitosa, a década de 90 era o recomeço não apenas para a imprensa voltada para o público GLS, mas também a oportunidade para que tal público pudesse fortalecer o movimento gay no país. Foi nessa década, inclusive, que ocorreu o reflorescimento do movimento *gay* com a sua institucionalização e aproximação com instituições internacionais e com o próprio Estado.

A *Sui Generis* foi uma publicação que não se dizia militante, mas um espaço de “discernimentos sérios e futilidades chiques dirigidas para homens e mulheres gays” (SUI GENERIS, ed. 0, p. 60). Segundo o jornalista Nelson Feitosa, a proposta era fugir do “gueto” das publicações eróticas, restritas a um mercado erótico que sofria preconceito da sociedade. Então, o projeto inaugurava no país um mercado voltado para um público GLS, e as matérias, que poderiam ser noticiadas em qualquer outro tipo de revista, buscavam abordar os assuntos a partir da ótica de um leitor *gay*, utilizando uma linguagem que se aproximasse de tal público. Dentre os conteúdos produzidos por essa revista, nos deteremos na questão da velhice. Qual o espaço que a *Sui Generis* oferecia para esse assunto e para os gays idosos? De que forma esse tema era tratado por aqueles que faziam esse periódico? Antes de iniciarmos a nossa análise, faremos uma breve reflexão sobre como a velhice era pensada no Brasil no final do século passado.

Sobre a velhice no Brasil do final do séc. XX

Enquanto o Regime Militar brasileiro começava a desfalecer, as formas de pensar a velhice iriam, assim como uma lagarta, se metamorfoseando, em busca de uma melhor forma de se abordar o assunto. Do final da década de 1930 até 1960, a velhice seria associada às situações de pobreza e invalidez; médicos e legisladores pensavam a velhice como um problema semelhante à doença, à invalidez e à morte⁵. Ser velho significava ser incapaz para qualquer tipo de trabalho – a aposentadoria por velhice tinha força recessiva de contrato –,

⁵ Na Constituição Brasileira de 1937, no art. 137, podemos encontrar na alínea M: “(...) a instituição de seguros de velhice, invalidez, de vida e para os casos de acidente de trabalho”. Já na Constituição Brasileira de 1946, o art. 157, inciso XVI nos diz que “(...) previdência, mediante contribuição da União, do empregador e do empregado, em favor da maternidade e contra as consequências da doença, da velhice e da invalidez e da morte”. Por fim, na Constituição Brasileira de 1967, no art. 15, inciso XVI informa que “(...) previdência social, mediante contribuição (...), para seguro-desemprego, proteção da maternidade e nos casos de velhice, invalidez e morte”.

possibilidades de amor e sexo eram tidas como nulas, cabendo às pessoas velhas nada mais do que o recolhimento da vida pública.

Apenas na portaria de número 82 do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), de 4 de julho de 1974, é dada uma atenção especial ao idoso, sendo previsto o amparo previdenciário para as pessoas com mais de 70 anos, sendo ou não contribuinte regulamentar de tal sistema. Mesmo instituída a lei, a relação do governo militar com os idosos mantinha-se vinculada à noção de caridade estatal, tendo como objetivo velar a situação de miséria em que muitos trabalhadores idosos viviam. Quanto mais o Estado autoritário mostrasse que os brasileiros idosos necessitavam desse tipo de governo, maior seria a extensão do seu poder, mais emaranhados eles estariam à sua tutela e, assim, surdos aos movimentos de contestação existentes no país.

Mas as sensibilidades mudam e elas serão percebidas, pelo menos, nas propostas de garantia de direito aos idosos na Constituição de 1988, na qual eles aparecem tanto como membro da família quanto alguém que pode ter saúde. Entretanto, necessitam de atenção governamental para obtenção de pensão especial. Em consonância com o processo de redemocratização do Brasil, passa a ser garantido ao idoso a participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar, garantindo-lhes o direito à vida.

Porém, de acordo com Debert (1999), apesar dessas mudanças, durante muito tempo a velhice ainda será pensada de forma homogênea pela Gerontologia. Pelo menos no Brasil, o envelhecimento é analisado em seus aspectos deficitários e decadentes, pois na sociedade industrial não se admite alguém que não produza. Então, a velhice passa por um outro tipo de gestão, por um processo reprivatização, sendo transformada em uma responsabilidade individual. Assim, as subjetividades sobre a velhice vão se modificando e, aos poucos, não é mais vista como perda ou ausência de vitalidade, mas como um momento da vida que deve ser vivenciado de forma prazerosa e satisfatória.

A revista *Sui Generis* foi lançada no Brasil na mesma década em que as sensibilidades e subjetividades de se pensar e dizer a velhice estavam em processo de mudanças. Na década de 1990, a velhice passou a ter mais visibilidade e mais atenção do Governo Federal no tocante às políticas sociais mais abrangentes, sendo introduzida no país a chamada “década da terceira idade”.

A noção de “terceira idade” passava a substituir o conceito de velhice. A aposentadoria ativa vai se opor à aposentadoria corriqueira, o assistente social tornava-se animador social e os asilos passavam a ser centro residencial. Com a urgência de novo tipo de força coletiva de trabalho e com a delimitação de outro tipo de individuação da subjetividade tornou-se necessário criar novas coordenadas de produção de subjetividade. Assim, os signos do envelhecimento foram invertidos e assumiram outras designações, como “idade do lazer”, “nova juventude” “melhor idade”, dentre outros. O mesmo ocorre com a aposentadoria que ao invés de um momento de recolhimento, passa a ser um momento de atividade e de lazer. A preocupação não era apenas pensar e resolver os problemas econômicos dos idosos, mas proporcionar cuidados psicológicos e culturais, integrando socialmente um grupo que nas décadas anteriores fora marginalizado.

Foi na década de 1990 que ocorreu a criação, em várias faculdades do país, de cursos focados nas pessoas idosas, desde pós-graduação em Geriatria e Gerontologia, residência em Geriatria, estágios de Geriatria e Gerontologia em hospitais públicos, bem como atendimento domiciliar aos idosos com graves problemas de saúde e a criação de um programa do Governo Federal que lhes oferecesse vacinação gratuita. Começava, também, a autorização de consultas com geriatras pelos planos de saúde. É ainda nesta década que se regulamenta o decreto da Política Nacional do Idoso, passando a velhice a ser questão pública.

Sabemos que não existe um tipo de velhice homogênea, haverá vários tipos de imagens do que é *ser velho* e da *velhice* no país. Teremos a velhice pobre e desamparada, a “terceira idade”, a velhice ativa e saudável, os velhos que não aparentam a idade, os que vão consumir os medicamentos e planos de saúde; há os que têm planos previdenciários, os que realizam atividades laborais e os que sustentam, ou não, os filhos e os netos. E quais são os velhos que aparecerão na *Sui Generis*, revista que tinha consumidores jovens da classe média seu público-alvo?

Nas 55 edições da revista, encontramos 35 textos, distribuídos entre reportagens, entrevistas, notícias e artigos, nos quais aparecem velhos ou em que se fala sobre velhice. Por questão de espaço, traremos nesse trabalho apenas algumas matérias e artigos que deixam explícitos o dizer a velhice na *Sui Generis*.

Velhos e velhice na Sui Generis

Escritores, teatrólogos e cineastas estarão sempre presentes nas edições da *Sui Generis*, sejam estes velhos ou não. Nas matérias, quase sempre, a velhice será um assunto silenciado, não existente, não-dito, procurava-se falar sobre assuntos que eram de interesse do público-alvo da revista.

Na segunda edição da *Sui Generis* encontramos a entrevista do escritor e ex-colaborador do *Lampião da Esquina*, João Silvério Trevisan. Com texto de Jorgemar Félix e fotos de Christian Gaul, a entrevista tem como título “Lições de exílio” e, logo abaixo do título há um texto no qual destacamos a seguinte frase “João Silvério Trevisan é um sucesso aos 50 anos” (p.11). Isso nos faz pensar que fazer sucesso aos 50 anos é um acontecimento que se torna necessário ser dito na matéria, como se não fosse possível isso acontecer, mas para os que faziam a revista, mesmo com tal idade, o escritor conseguiu. Por isso, ele foi entrevistado pela equipe da *Sui Generis*, a qual busca mostrar pessoas vitoriosas e de sucesso. Antes da entrevista, é feito um pequeno perfil do entrevistado dando ênfase às modalidades profissionais praticadas por ele.

Jornalista, autor teatral, tradutor, roteirista de cinema e escritor, o paulista João Silvério Trevisan, 50 anos, depois de publicar quatro romances e o mais completo ensaio sobre a homossexualidade no Brasil, *Devassos no Paraíso*, conquistou a mídia com seu novo livro, *Ana em Veneza*, considerado o romance do ano de 1994 (p. 11).

Trevisan fala sobre o livro *Ana em Veneza* que narra o encontro de três exilados, o músico cearense Alberto Nepomuceno, a mãe do escritor Thomas Mann, Júlia Bruhns e a escrava Ana, que seguiu viagem com Júlia para a Alemanha quando aquela tinha sete anos de idade. O autor diz que os homossexuais também são exilados na própria sexualidade, tendo de ocupar sempre espaços marginalizados. Todavia, por conta do medo, muitos vão optar por estar em “espaços marginalizados” garantindo assim o anonimato, evitando fazer vir à tona o segredo sobre a sexualidade, o que acarretaria mudanças, muitas vezes drásticas, na vida pessoal do indivíduo.

Ao longo da sua história, a *Sui Generis* sempre exibia personalidades famosas na capa ou em matérias e Trevisan será mais um exemplo cuja reafirmação é importante. Como diz um trecho da matéria, “com 50 anos ele é um sucesso”. Mas não será pelo corpo já desgastado que tem o sucesso, mas pelos escritos. Dos velhos, só serão interessantes as palavras, as opiniões, o conhecimento sobre determinados assuntos, principalmente se esses velhos

forem intelectuais. O corpo não é atrativo, não é desejante e não vende, é um corpo puído. Os corpos que aparecerão nos ensaios trazidos na *Sui Generis* são malhados, torneados, de garotos jovens. Corpos reais, trabalhados em academias, ou irreais, produzidos pelo Photoshop⁶. Aos velhos caberá apenas as ideias, a sagacidade e, no caso de escritores, a imaginação.

A mídia é uma forma de maquinaria que contribui na produção de subjetividades projetadas na realidade do mundo -, quando publica matérias apresentando textos e imagens tidas como verdades sobre determinados temas e assuntos -, e na realidade psíquica, que incide nas formas de conduta, de ação, de gestos, de sentimentos, de pensamento, etc., são modelos memorizados e aceitos tal qual são apresentados. Por isso, não causa estranhamento os velhos aparecerem sozinhos nas fotos trazidas pela *Sui Generis*, pois aos velhos cabe a solidão e a solidão cabe aos velhos.

Há na matéria três fotos de João Silvério Trevisan. Em duas ele aparece de perfil e apenas em uma ele está olhando para a câmera, usando o livro para apoiar as mãos e o queixo, o livro será o apoio dele na e para a vida, é o que sustenta a cabeça. As fotos aparecem em tom sépia, dando a ideia de fotos envelhecidas. Mesmo conseguido chegar ao sucesso aos 50 anos, esse sucesso foi apenas profissional, não afetivo, tampouco amoroso. Talvez isso seja possível nos livros escritos por eles. Para a revista, os textos escritos e imagéticos são possibilidades quase inexistentes. Na edição 33, o próprio João Silvério Trevisan escreverá um artigo sobre a relação amorosa possível de existir entre pessoas mais jovens e mais velhas. Mas sobre esse artigo falaremos adiante.

Um ponto bastante recorrente no periódico é apontar os velhos como depositários de memórias, os quais aparecerão em matérias, reportagens e entrevistas, lembrando determinadas épocas ou fatos vivenciados ao longo da vida e que servirão como exemplos dados aos leitores, como pode ser visto na sétima edição da revista, na matéria “Recordações de sexo e revoluções”, publicada na seção *Livros*. O texto fala sobre o lançamento do livro *A cerimônia da inocência* do ator, escritor, diretor e dramaturgo Sérgio Viotti. A obra narra as descobertas de um adolescente no período da Era Vargas. Ao ser perguntado se o livro é autobiográfico Viotti afirma que “é muito improvável qualquer história que recordar a infância

⁶ Programa de edição e manipulação de imagens que surgiu no ano de 1987 e que, dentre outras coisas, serve para corrigir as “imperfeições” da imagem, do corpo e das ações do tempo sobre o corpo.

e adolescência não possuir traços autobiográficos” (p. 14). Como nos indaga Albuquerque Júnior (2010, p. 14),

quando viver é lembrar, quando se julga não se ter mais vida, escrever um texto que avalia, meio que a distância o que viveu, o significado que tiveram suas ações e ideias, este ser se coloca no lugar do morto, se coloca como já tendo encerrado a vida, como então continuar vivendo?

Desta feita, podemos dizer que a velhice é o momento no qual o corpo biológico já não possui a força e vitalidade dos corpos jovens, sendo este o momento para recordar o passado e, neste caso, a adolescência serviria de tema para compor uma história literária. Como geralmente ocorre, é feita uma apresentação profissional do escritor, mostrando que o primeiro romance, *E depois nosso exílio*, lançado em 1963, recebeu um dos mais importantes prêmios literários na época. Também é dito que o livro de poesia publicado em 1953, *Invenção triste*, foi lançado em Portugal e vários de seus textos para teatro foram encenados nas décadas de 1970 e 1980; que já morou em Londres e que trabalhou na BBC. Logo, toda essa história legitimaria a presença de Viotti na *Sui Generis*, por ser uma pessoa “capacitada” e que conseguiu sucesso e reconhecimento dentro das áreas em que atuava.

Na matéria, vemos uma foto de Sérgio Viotti, na arte da capa do livro que foi lançado, na qual ele aparece de frente, mas não olhando para a câmera e sim, com um olhar que observa o que não se mostra na imagem. O espaço dado ao escritor nas páginas da revista, provavelmente, deve-se ao fato não apenas da publicação da nova obra, mas, por ele ser velho: detinha saber, experiência e capacidade de perceber e explicar sobre o mundo, mesmo que fosse através de uma obra literária.

Encontraremos também na sétima edição, a matéria “A jornada de poucos heróis” publicada na seção *Livros*, produzida por Carlos Heli de Almeida e aborda a autobiografia *Palimpsest* do romancista, ensaísta e dramaturgo americano Gore Vidal. De acordo com Almeida, o autor narra sem sentimentalismo suas memórias e pinta um retrato nada heroico de grandes ícones americanos. Ao final, há uma nota informando que a obra é inédita no Brasil e são indicadas formas para se comprar o livro direto de uma livraria americana. Preservando a estrutura usada nas matérias para, de certa forma, justificar a presença de um idoso de 70 anos nas páginas da revista, Heli fala sobre os espaços frequentados por Vidal e pessoas com as quais conviveu. “Ele desfrutou da intimidade de ricos, famosos e poderosos. Participou ou

esteve próximo de alguns dos mais importantes acontecimentos culturais e políticos deste século. [...] e nunca escondeu sua homossexualidade” (p. 14).

Não foi por ser homossexual que Vidal frequentava os espaços de poder e estava com pessoas com poder, como dá a entender o texto de Almeida, mas por ser pertencente a uma família rica e que tinha contato com personalidades políticas, visto que o seu avô foi senador e o pai trabalhou para o governo Roosevelt e isso era o que legitimava o trânsito do escritor entre a alta classe americana.

Sobre a autobiografia, narrando apenas os primeiros 40 anos de Vidal, é tida por Almeida como uma das mais aguardadas dos últimos tempos. Dá-se destaque à complicada relação que tinha com a sua mãe, Nina, apresentada como alcoólatra e extremamente egocêntrica e que serviu de modelo para ele nunca querer se casar. Além disso, destaca a relação (amizade e sexual) que teve Vidal tinha com Jack Kerouac, Anaïs Nin, Greta Garbo, dentre outros artistas.

Produzir uma autobiografia é também relembrar memórias. Aos velhos, cabe a experiência e a capacidade de se lembrar de um tempo vivido e que agora jaz nas lembranças, nas memórias. Como destaca Agra do Ó (2010, p. 213), “o passado que se encontra narrado na memória é uma imagem que resulta da negociação do olhar da própria memória para com as indicações oferecidas por outras práticas de significação do vivido, entre as quais a história”. Naquele momento em que estava escrevendo, fazendo o registro memorialístico da sua autobiografia, Vidal faz o registro histórico das emoções, angústias e decepções vivenciadas.

A respeito da vida amorosa, é dito na matéria que Vidal vive há 45 anos com o companheiro Howard Austen em Ravello, Itália. Mas, segundo Almeida, a grande paixão de Vidal foi Jimmie Trimble, capitão da turma de beisebol da classe do escritor e que morreu aos 19 anos, durante a Segunda Guerra Mundial. A matéria traz, inclusive, a imagem do atleta vestido com roupas de soldado com a seguinte legenda “Jimmie, o grande amor de Vidal, poucos meses antes da sua morte na II Guerra”. Há ainda outra foto, dessa vez de Vidal jovem, em uma fotografia tirada para a revista *Life*, em 1947.

O que nos chama atenção na narrativa apresentada na matéria é que, quando jovem, Gore Vidal foi um homem de muito sucesso, relacionado com muitas personalidades famosas,

escreveu livros que foram bem e malquistos pela crítica e pelos leitores. Mas, quando velho, restam as lembranças de um passado festivo, de alegrias e decepções e um amor que acabou sendo o possível, já que o desejado não sobreviveu. Talvez por isso o texto finaliza apresentando um intelectual que só se importa consigo mesmo.

Nos meus encontros anônimos eu nada fazia – pelo menos deliberadamente – para agradar ao outro. Quando fiquei velho demais para receber essas atenções dos jovens, passei a pagar com satisfação, liberando-me assim de qualquer obrigação de agradar de alguma maneira” (SUI GENERIS, ed. 08, p. 15).

Independentemente da idade, o escritor não se sente impedido de ter prazer, mesmo pago. O corpo dos jovens é uma mercadoria que passa a ser consumida pelos mais velhos não apenas pelos olhos, mas também sexualmente. Sendo um *corpo-produto*, passa a ser usado e, quando não mais satisfaz, é trocado por outro, que passará pelo mesmo processo e, assim sucessivamente. Então, mesmo tendo um corpo velho, enrugado, puído, Gore Vidal sente-se detentor de um *corpo-potência* por conta do dinheiro que conseguiu adquirir ao longo da vida, podendo assim, comprar os *corpos-produtos* disponíveis no mercado. Ele tem o poder. O dinheiro é o poder e, mesmo após a relação sexual, quando a pessoa detentora do *corpo-produto* recebe o dinheiro, passando também a ter poder, este será momentâneo e não se iguala ao poder de quem paga e que possui um montante bem maior do que aquele usado para pagar o prazer momentâneo e passageiro.

O próximo texto é um artigo de João Silvério Trevisan com título “Veredas do desejo II – infelizes os feios, os velhos e desmunhecados”, publicado na 13ª edição da revista. O autor inicia o texto falando da época em que morou em Berkeley, Califórnia. Década de 70, período da liberação sexual, havendo a possibilidade de manter relações sexuais com “homens lindos”, que correspondiam ao padrão de beleza introjetado desde a infância pelos filmes hollywoodianos. Trevisan fica com uma dessas beldades, mas, durante o ato sexual o seu parceiro acaba adormecendo, talvez pela *marijuana* consumida antes do ato. A sonolência do rapaz fê-lo acordar para o quanto os gays consomem os produtos que a indústria capitalista produz e nos oferece, sejam esses, roupas, acessórios, marcas ou corpos. “Orientadas para o consumo, nossas expectativas desejanter tornaram-se ainda mais tributárias das fantasias introjetadas” (p.17), afirma. Essa beldade hollywoodiana com quem Trevisan se deitou, é detentora do que Rolnik (1996) denominará de identidade *prêt-à-porter*, figura que possui o glamour da beleza física e facial que está imune ao estremeamento das forças.

Mas quando estas são consumidas como próteses de identidade, seu efeito dura pouco, pois os indivíduos-clones que então se produzem, com seus falsos-self estereotipados, são vulneráveis a qualquer ventania de forças um pouco mais intensa. (ROLNIK, 1996, p. 3).

Há uma maquinaria de dimensão internacional que busca modelar, padronizar os corpos, gostos e pensamento e essa máquina de produção de subjetividade não é algo que nos toma de assalto, pelo contrário, desde a infância que ela é instaurada “com todos os modelos tanto imaginários quanto técnicos nos quais ela deve se inserir” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 49).

Ao ver os anúncios publicados em classificados de jornais e revistas, ele percebe o quanto boa parte deles procuram o mesmo modelo de homem “dos sonhos”, homens jovens, bonitos e viris. Logo, velhos, feios e afeminados não são pessoas desejadas. Esses modelos desejados são mostrados pela mídia e essas imagens são subjetivamente degustadas diariamente. Ainda no artigo Trevisan afirma que,

Tendo crescido muito em poder e eficácia, a mídia controla e invade nossas vidas como um rolo compressor, por obra de uma enganosa publicidade que todos os dias desaba sobre nossas cabeças ‘moderninhas’. E nossa sexualidade (que se queria tão atrevida) entregou-se à generalizada mentalidade do *fast food* sexual, onde conta a rapidez e o gosto forte mas efêmero, a partir de estímulos imediatos e encontros previsíveis (p.17).

É interessante tal assunto ser abordado na revista, pois também reproduz o discurso do jovem, bonito e viril tanto nas matérias quanto nas imagens publicadas e, mesmo que os velhos apareçam, serão em número bem menor se comparados aos jovens e, se [já] não são bonitos, tal ausência será substituída por informações de grandes conquistas feitas, fazendo-os vencedores. Outra forma de não deixar transparecer a velhice é mostrar o velho apenas em texto, caso apareçam imagens na matéria, elas serão de quando o entrevistado era jovem, como mencionado anteriormente. E pouco se fala sobre futuro, reforçando a ideia que existe no senso comum, que estar velho é não possuir futuro. Ainda questionando o modo de ser e de desejar de muitos homossexuais, dirá Trevisan que,

Nós, os rebelados de ontem, estamos comendo das páginas de um manual social que caga regras escritas através de modismos e arrogância no lugar de libertação. Tudo inserido na mentalidade ‘moderna’ de alta rotatividade e baixa vivência. [...] E nossa montanha libertária pariu um rato conformista. Que pena, baby (p.17).

Assim como todos os outros veículos de comunicação, *A Sui Generis* é uma espécie de máquina produtora de linguagem que propõe de forma ininterrupta modelos de imagens,

regras e comportamentos através dos quais o receptor possa se conformar e, subjetivamente, aderir-los e vivenciá-los no cotidiano.

A próxima matéria em que um velho homossexual será a “estrela principal” estará na 15ª edição da *Sui Generis* que publicou a matéria “Avoé” na qual o teatrólogo José Celso Martinez Correia fala da peça *Bacantes* e dos amores vivenciados com atores de teatro. A matéria foi produzida por André Hidalgo e as quatro fotos que ilustram o texto foram produzidas pelo fotógrafo Vicente de Paulo. Nas imagens, todas da peça, Zé Celso aparece apenas em uma. A primeira estará logo abaixo do título da matéria e mostra as línguas dos atores Marcelo Drummond e Fransérgio Araújo se tocando. Na segunda imagem, que ocupa uma página inteira, vemos o diretor caracterizado como um dos personagens da peça segurando uma taça de vinho e um preservativo como um balão, as duas últimas imagens são de Fransérgio e Marcelo, ambos caracterizados, também, como personagens da peça. Na matéria, vemos pela primeira vez um falo sendo exibido na revista, mas este não aparece ereto. Interpretando Dionísio, para compor o personagem, Drummond usa chifres, uma capa preta e uma espécie de macacão cinza expondo a genitália.

Antes de narrar como foi o encontro com o teatrólogo, Hidalgo contextualiza o leitor informando que a ideia de Zé Celso produzir *Bacantes* surgiu em 1986, ano em que conheceu o ator Marcelo Drummond. Uma noite e três dias depois já estavam morando juntos. A partir daí, o texto mostra a luta dos dois para a reconstrução do Teatro Oficina⁷ e a montagem da peça *Bacantes*. A matéria afirma que Zé Celso passou a ser chamado de maluco por brigar com o Estado, com a mídia e com empresários, vencendo todos, passou a “reinar” no Oficina.

No segundo momento, é narrado o encontro com o diretor da peça. Ao ser questionado por Celso se a entrevista era para uma revista “GLS”, Hidalgo diz que pensou “vou ter de conquistar a confiança desse povo, mostrando que nada mais me choca, que odeio os valores pequenos-burgueses e que não sou uma bichinha quá-quá-quá” (p.18). Percebemos a negação do discurso que a própria revista vendia, já que era produzida para os grandes pequeno-burgueses, além de um tom bastante preconceituoso de Hidalgo, dado que não quis parecer um *gay* efeminado e “sem conteúdo”, como se os gays afeminados fossem pessoas nada mais nada menos do que fúteis.

⁷ Local onde, dentre outras encenações e eventos, foi lançado o manifesto da cultura brasileira, o Tropicalismo.

Zé Celso fala da importância de Marcelo Drummond em sua vida, tendo-o encorajado a levar adiante a proposta da montagem da peça. Os dois criaram o grupo teatral Usyna Usona que encenou três peças, *Mistérios gozosos*, *Ham-lete* e *As boas*. O diretor deixa claro que foi Drummond que deu fôlego para que tais projetos fossem levados adiante. Apesar de ter a sabedoria, faltava-lhe a estratégia de tempo, algo que conseguiu com o parceiro. A experiência é aquela que atravessa o sujeito, deixando marcas e vestígios. Ela terá relação direta com os deslocamentos, com as aventuras, com as viagens, mas também com a velhice, como apontava Benjamin (2012). Cabe a Zé Celso transmitir o conhecimento adquirido ao longo dos anos para o seu companheiro e este o fará trabalhar melhor com a questão do *timing* do momento, como diz o diretor.

Curioso sobre a vida afetiva dos dois, Hidalgo pergunta se eles são casados e acaba sabendo que, além de Drummond, Zé Celso também divide a cama com o ator Fransérgio e prefere chamá-los como companheiros, pois vê o casamento como uma “instituição falida”. “Casamento é para quem tem bens. Eu tô cagando para a lei. Vivo do jeito que eu quiser [...]” (p.21), afirma Drummond. É importante perceber que o teatrólogo nos passa a necessidade de vivenciar relações afetivas da forma “tradicional”, isto é, com apenas um parceiro, como culturalmente fomos instruídos a fazer. Outras formas de vivenciar os amores e os prazeres são inventadas e narradas pelos sujeitos homossexuais que se permitem fugir dos padrões heteronormativos, como discorreremos mais adiante. A matéria é concluída reafirmando a importância de Zé Celso e o quanto foi importante a reconstrução do Teatro Oficina na história da dramaturgia brasileira. Mesmo fugindo às “normas”, o texto constrói a imagem de um teatrólogo que foi um herói e salvador.

Na última década do século XX, os padrões da velhice são transformados em uma experiência prazerosa e também jovial e não mais como um momento de isolamento ou espera da morte. Aos poucos, o discurso dos gerontólogos passou a ser reformulado. Agora, o avanço da idade não traz mais consigo problemas para quem tem uma postura positiva perante a vida. Essa mudança de discurso da geriatria deve-se à mudança interna que ocorreu na Associação Brasileira de Geriatria e Gerontologia, no final da década de 1970, quando começou a aceitar profissionais com especialidades em diferentes áreas, passando a ser feita uma abordagem de cunho multidisciplinar sobre a velhice. Assim, mudavam os debates que antes eram sobre o determinismo biológico nos quais geriatras percebiam a vida como um

contínuo de etapas naturais e universais do desenvolvimento. Os gerontólogos enfatizaram em seus discursos a dimensão cultural da velhice. Duas décadas depois, eram perceptíveis a mudança e a velhice, pelo menos no discurso dos médicos. Terão ênfase as imagens positivas da velhice e não mais a velhice como uma doença. A *Sui Generis* também trará esse outro discurso sobre a velhice em suas páginas.

Na 26ª edição da revista o médico e teatrólogo Sérgio Pedro Corrêa de Britto, 74 anos, entrevistado por Gilberto Scofield Júnior que fala sobre a visibilidade que o tema homossexualidade estava ganhando no Brasil, principalmente em peças de teatro e no cinema e do medo que muitos artistas têm de se assumirem gays. A entrevista tem como título “Contador de histórias” e é ilustrada por três fotos de Sérgio. Na primeira, que ocupa uma página inteira, o teatrólogo aparece sorridente, abotoando o terno e usando um tênis. Além de tirar todo o formalismo que a roupa representa, o calçado contribui para trazer uma certa jovialidade ao “velho médico” e a indicação que ele tem um certo “espírito esportivo”. A segunda imagem, no centro da primeira página da entrevista, mostra Sérgio junto a três atores que estão sentados em cima de uma cortina cor de rosa. Ele é o único velho a aparecer na foto e, ao contrário dos atores, ele aparece sentado em uma cadeira. A última apresenta Britto sentado de perfil, com o rosto virado para a câmera com o olhar que diz, dentre outras coisas “consegui, sou um vencedor”.

No texto que antecede a entrevista, o jornalista pede para que o leitor esqueça a imagem das velhas mariconas “travadas e eruditas, lenço no pescoço, coladas a uma bengala ou arquejantes depois de subir um lance mínimo de escadas” e apresenta uma *maricon* bronzeada, falante e de aspecto jovial. Percebemos, pelas palavras de Gilberto Scofield, a imagem que ele e outras pessoas têm dos velhos *gays*. Lembram mais personagem de programa de humor pela forma caricata que é descrita.

Tanto Sérgio quanto os outros velhos gays entrevistados pela *Sui Generis* fazem parte do novo modo de ser idoso que ganhava visibilidade naquele momento, o de velhos que, mesmo pela idade, se mostravam pessoas produtivas, ao utilizarem produtos produzidos pela indústria da beleza, como os implantes, para disfarçar a velhice e, alguns desses velhos *gays*, de tão subversivos que eram, namoravam e casavam com pessoas de uma classe social inferior. Essas novas subjetividades eram gestadas, pois a indústria capitalista precisava de novos consumidores. Como bem reforça Guatarri e Rolnik (2005, p. 39),

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação ou de semiotização não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egoicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extraindividual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, ou seja, sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagem e de valor, modos de memorização e de produção de ideias, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos e assim por diante).

Toda mudança em nível macro concerne à produção de subjetividades. Não podemos negar as mudanças sociais e políticas como a questão da visibilidade de pessoas gays, lésbicas ou trans, mas há também um grande interesse mercadológico agregado à construção de outra subjetividade. O surgimento de um mercado para velhos e idosos terá também o interesse do mercado em trazer para si uma grande parcela de pessoas, aposentadas ou não, mas consumidoras em potencial, por isso o surgimento de vários produtos e serviços voltados para os “velhos” e “velhas”. Então, na década de 90, vemos várias publicidades de produtos para um público de diferentes idades com personagens mais velhos a ocupar um espaço de maior destaque. A imagem deles agrega valor aos produtos anunciados ao dar a ideia de confiabilidade e tradição àquilo que está sendo anunciado. Enquanto que nas novelas, filmes e peças teatrais eles serão retratados como pessoas com poder, que possuem riqueza acumulada e se envolvem em relações amorosas com outros personagens de faixas etárias mais jovens.

Na edição 33 temos o artigo de João Silvério Trevisan, mostrando gays mais velhos objetos de desejo dos mais jovens e o preconceito que estes sofrem por gostar dos *tiozinhos*. Em “Amor intergeracional”, destaca o relacionamento amoroso entre pessoas de diferentes gerações. O escritor fala sobre o rechaço que os gays de cabelos grisalhos e rostos marcados pelo tempo passam, por serem *bichas velhas*. Ele menciona os anúncios publicados em revistas e jornais referentes à procura de parceiros. De acordo com Trevisan, 90% deles buscam parceiros de até 40 anos. Aos velhos, restariam a solidão e a morte. Se envelhecer é um processo implacável que aponta para o caminho sem volta, entre os homossexuais o espectro da solidão, frequentemente, é mais acentuado porque se vive sozinho e até mesmo

longe da família. Por isso, no chamado “mundo *gay*”, o olhar do outro pode ser um espelho feroz. Há a comprovação de que não se é mais desejado.

Mesmo nos últimos anos da década de 90, o discurso geriátrico explícito e bem aceso dizia ser em casa o lugar de *bichas velhas*. Como podemos perceber nesse fragmento do texto. “Outro dia, numa boate *gay*, duas bichas riram na minha cara, surpresas por encontrar no banheiro um velho que não se supunha estar ali” (p. 55), relembra. Por serem consideradas como solitárias, amarguradas, a própria representação do fracasso e do atraso, as risadas era uma forma de mostrar que aquele velho não tinha percepção de que estava “fora do lugar”, que ele não era bem-vindo nas baladas para jovens⁸. O olhar que acusa, que reprova e que rejeita, fez com que Trevisan, e possivelmente outros *gays* velhos, fossem se afastando desses espaços de diversão para o público *gay*.

Mas o autor se mostra ciente das construções subjetivas veiculadas pelos discursos e afirma que esses olhares acusadores nada mais são do que fruto de “um ideário social de supremacia da juventude, tida como um dos valores básicos no mundo moderno e decantada como um bem inestimável” (p. 55). E lembra ainda que grande parte da indústria de consumo vai se apoiar no binômio casal heterossexual e jovem, sendo a juventude heterossexual um importante nicho do capitalismo. Inclusive a própria revista *Sui Generis* vende para os seus leitores um padrão de juventude como delata Trevisan. “Vejam-se as revistas *gay* (inclusive a *Sui Generis*): só trazem fotos de rapazinhos bonitinhos e/ou musculosos”. (p. 55)

Ora, se ser jovem é ser possuidor de um importante bem, cabe proteger o máximo possível esse bem para não o perder e passar a ser desprezado, ser visto como uma pessoa abjeta entre os pares. Perceber-se velho, muitas vezes, é um choque, incomoda, como relata Trevisan.

Mas o que na verdade me dói no envelhecer é o espelho da gente mesmo: notar seu corpo cansado, o rosto se enchendo de rugas e os cabelos embranquecendo pode provocar uma dolorosa baixa na autoestima. Confesso que vivi com dificuldade o processo de envelhecer (p.55).

Apesar do choque que teve ao se perceber como velho e não mais possuidor de um dos bens mais cortejados e difícil de manter, que é a juventude, o escritor passou a perceber

⁸ Em seu trabalho, Pocahy (2011) fala sobre os senhores que, de forma corajosa, enfrentam “as moralidades que determinam hierarquias, vontades, desejos e percepções de si” (p. 118) indo para ambientes em que os *gays* jovens são frequentadores assíduos.

o quanto se tornou desejado por rapazes mais jovens. Aos poucos foi percebendo que o amor intergeracional é tão natural quanto se pensava. Mas, apesar de ser natural, os casais sofrem preconceito, principalmente o mais jovem da relação. Pois tem que se impor em um meio quase sempre hostil.

“Certa vez, presenciei uma árdua discussão entre dois amigos bichas, quando um deles confessou que gostava de velhos e o outro, revoltado, acusou-o de ser um ‘tarado e neurótico’, pois normal é gostar de ‘rapazes viris’”, comenta. As máquinas de produção de subjetividades, das quais falam Guatarri e Rolnik (2005) mostram que o correto é desejar pessoas jovens, bonitas, malhadas, pois, representam vitalidade, saúde, possuem um corpo viril, que pulsa desejo e que desejam. Logo, ir contra esses parâmetros é transgredir a norma, visto que o que está sendo desejado são os refugos, os “restos humanos”, os corpos sem potências. “Admiro particularmente esses caras que cultivam o amor intergeracional, nadando contra a corrente do padrão global e hollywoodiano de beleza. Claro que fico gratificado porque através deles descobri o charme dos meus 50 anos” (p. 56).

A *Sui Generis* apresentou aos leitores velhos produtivos que estavam realizando as atividades referentes à área de atuação. Alguns de forma solitária, outros com o companheiro ao lado e ainda há aqueles que pagam para vivenciar o prazer. Existirão (para os que produziam tal magazine) outras formas de se vivenciar a velhice, não sendo esta uma fase dramática da vida, em que a *mariconna* deveria ser relegada ao abandono, havendo aí sua morte social. Nessa revista, não haverá espaço para imagens de doenças causadas pela velhice, de decadência física ou dependência como destino para os que envelhecem. Pelo contrário, eram sugeridos estilos de vida e de consumo para evitar o “se sentir velho”. As cartografias de forças pedem uma nova maneira de viver e isso vai de encontro à imagem dos velhos produzidos pelos gerontólogos na década de 1990, que evidenciam a “velhice” as “limitações”.

Debert (1999, p. 220) atenta sobre a dissonância entre os discursos médicos com o midiático, “a imagem de uma velhice gratificante surpreende os gerontólogos, que propõem ações para beneficiar os mais fragilizados. Mas não é esse o perfil dos velhos mobilizados, quer pelos programas para a terceira idade, quer pelos meios de comunicação”. É importante perceber que, muito raramente os entrevistados falam sobre velhice ou abordam o estar velho. A velhice está nos outros e, por se apresentarem dinâmicos, produtivos, com corpo e

rostos que não aparentam ter determinada idade, possivelmente eles não se viam como velhos. A velhice estará em quem se comporta como velho, naqueles que perderam a autonomia e a lucidez. Tais situações nunca estavam presentes nos entrevistados da *Sui Generis* que se mostravam como pessoas ágeis, capazes e criativas, que consumiam e produziam cultura.

É importante lembrar aqui que a *Sui Generis* veio preencher uma lacuna que tomou forma em 1981, com o fim do *Lampião*, contribuindo para as subjetividades dos leitores no que se refere à Aids, ao empoderamento dos *gays* e na maneira que dizia os velhos, apresentados como pessoas capazes, que produziam artes, amavam e vivenciavam os desejos da forma que fosse possível. Os jornalistas e colaboradores da *Sui Generis* estavam atentos, conscientemente ou não, das mudanças nos discursos sobre o dizer a velhice. Mas, ao mesmo tempo em que é dada visibilidade à velhice ativa e positiva, era negada a existência de outros tipos de *gays* velhos, inclusive aqueles que não são escritores, cantores, atores, etc.

Outra questão trabalhada nessa publicação foi a dos corpos jovens, belos e não enrugados visíveis a cada edição. A produção midiática a qual envolve o cinema, a televisão, a propaganda, jornais e revistas são produtoras de subjetividades que nos mostram, dentre outras coisas, que beleza e juventude são o que deve ser desejado. Os rostos e os corpos jovens que serão consumidos, pois são os modelos padrão. Por isso que, entre 1995 a 2000, a revista *Sui Generis* foi bem recebida pelo público, já que trazia em suas páginas o modelo de juventude e de beleza.

Recordamos que Rolnik (1996) aponta a necessidade do consumo de drogas produzidas pela indústria farmacológica para manter a ilusão de identidade. A mídia também é uma produtora de drogas que também contribuirá para a ilusão identitária e os viciados nessa droga midiática são capazes de mitificar e consumir todas as imagens produzidas pela mídia no intuito de se manter no mercado dos gostos. Assim, além do desejo de consumir corpos dentro do padrão de beleza oferecido pela mídia havia a necessidade de se mostrar, além de um corpo jovem e belo, um corpo que também ostentasse potência. Por isso, que a revista *G Magazine* lançada dois anos após a primeira edição da *Sui Generis* fará tanto sucesso e terá uma vida longa no mercado editorial. Os corpos apresentados pela *Sui Generis* se tornaram obsoletos, pois não apresentavam a potência da virilidade e do falo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA DO Ó, Alarcon. *Velhices imaginadas – Memórias e envelhecimento no Brasil (1935, 1937, 1945)*. Campina Grande: EDUFCEG, 2010.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Prefácio. A velhice d(n)o Nordeste. In: AGRA DO Ó, Alarcon. *Velhices Imaginadas – Memórias e envelhecimento no Brasil (1935, 1937, 1945)*. Campina Grande: EDUFCEG, 2010.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Magia, técnica e política – Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Braziliense, 2012.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2012.

GUATARRI, Félix, ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MOARES, Andrea. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2011.

POCAHY, Fernando Altair. *Entre Vapores e Dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. (Tese de Doutorado em Educação). 167 fls. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2011.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade – Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (org). *Cultura e subjetividade - Saberes Nômades*. Campinas: Papirus, 1996.

SUI GENERIS. *Editorial*. Rio de Janeiro: Tribo Editora, ed. 0, 1994.

SUI GENERIS. *Lições do exílio*. Rio de Janeiro: Tribo Editora, ed. 2, 1995.

SUI GENERIS. *Recordações de sexo e revoluções*. Rio de Janeiro: Tribo Editora, ed. 7, 1995.

SUI GENERIS. *A jornada de poucos heróis*. Rio de Janeiro: Tribo Editora, ed. 7, 1995.

SUI GENERIS. *Veredas do desejo II – infelizes os feios, os velhos e desmunhecados*. Rio de Janeiro: Tribo Editora, ed. 13, 1996.

SUI GENERIS. *Avoé*. Rio de Janeiro: Tribo Editora, ed. 15, 1995.

SUI GENERIS. *Contador de histórias*. Rio de Janeiro: Tribo Editora, ed. 26, 1996.

SUI GENERIS. *Amor intergeracional*. Rio de Janeiro: Tribo Editora, ed. 33, 1998.